

Uma Leitura da Paisagem do Vale do Paraíba na poética de Cassiano Ricardo.

George Rembrandt Gutlich, Doutor em Artes, professor e pesquisador no depto. de Arquitetura e no Programa de Mestrado Acadêmico em Gestão e Desenvolvimento Regional, na UNITAU, george.gutlich@terra.com.br e Laís Monteiro Santana, graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Taubaté, bolsista pelo CNPq. laisms_14@hotmail.com

Resumo

O objeto de estudo dessa pesquisa foi a obra poética de Cassiano Ricardo num recorte específico sobre a descrição da paisagem. Sendo a paisagem, numa dimensão simbólica, portadora de diversos significados, que expressam valores, crenças, mitos; espacial, determinada superfície terrestre; histórica, fruto da ação humana com o passar dos anos; funcional, relação entre suas diversas partes e morfológica, formas criadas pela natureza e pelo homem, como já citado por Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl no livro “Paisagem, tempo e cultura”. Coube a este estudo, traduzir nas obras de Cassiano Ricardo a paisagem e suas dimensões. O Vale do Paraíba é descrito a partir de evocações sentimentais e reconstruções pela memória. Observou-se o desenvolvimento da poética a partir de 4 exemplos pontuais, “A flauta que me roubaram”, “Serenata sintética”, “Campanário de São José”, “Minha paisagem de hoje.”

Como resultado, obteve-se uma leitura panorâmica das evocações espaciais do Vale do Paraíba na poética de Cassiano Ricardo e suas diversas acepções, desde memorialista de inventariar o trajeto aos esquemas gráficos e sonoros (Serenata Sintética e Campanário de São José) à reconstituição saudosa do sítio natal.

Palavras-chave: Paisagem; poética; memória; descrição.

Abstract

The object of this study was the poetic texts about the landscape description from a work of Cassiano Ricardo, an important poet from São José dos Campos, city inside the Paraíba River Valley, São Paulo Province. As the landscape is the expression of cultural view the meaning of memory are the most important point to study in this kind of approaching was possible to collect important achievements of the poetry to understand the sensitive aspects of a cultural landscape.

The product of this study results in a little but important inventory of poetical appointments inside the works of this poet about his region, as graphical landscapes, *soundscape*s and memory visions from the childhood landscape.

Key words: Landscape; poetic; memory; description.

Uma Leitura da Paisagem do Vale do Paraíba na poética de Cassiano Ricardo

Uma leitura da *paisagem* da forma como propomos neste estudo pressupõe inicialmente de uma definição inserida na acepção cultural do termo, neste caso ligada a uma acepção ao mesmo tempo de qualidades físicas e culturais do espaço, do espaço reapresentado pelo fenômeno do *deslocamento*, ou seja pela leitura não imediata da paisagem física, mas pela memória materializada nas artes.

Neste recorte de estudo foi escolhida a transição de várias locações imagem da paisagem, da natural, rural antrópica e urbana. Estas, por sua vez dinamizadas pela transição dos elementos naturais pelos artefatos e pelas personagens que a ocupam. Tal aproximação se apóia no conceito apresentado por Carl O. SAUER onde “O conteúdo da paisagem é encontrado, portanto, nas qualidades físicas da área que são importantes para o homem e nas formas do seu uso da área, em fatos de base física e fatos da cultura humana.” (In CORREA, 1998, p.29).

A idéia de paisagem, circunscrita a este sistema de análise, permite associa-la ao tempo e espaço, considerando a transitoriedade inerente à idéia de paisagem cultural, uma paisagem dinâmica, em constante mudança pelas formas introduzidas pelo homem e pela presença deste mesmo na definição de espaços e lugares. Por esta acepção a paisagem natural constitui-se nas expressões das sociedades e suas culturas.

Para Milton Santos o traço comum da paisagem em diversas acepções é a combinação da natureza com objetos sociais e ser o resultado da acumulação das atividades de muitas gerações. Nesse sentido, cada vez que a sociedade passa por mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam que por sua vez, mudam o espaço e a paisagem adaptando-os às novas necessidades da sociedade. Essas alterações na paisagem podem ser parciais, deixando algumas “testemunhas” do passado, como também alterá-la totalmente ou em nada.¹

A *paisagem-objeto* desse estudo é a do Vale do Paraíba, uma região socioeconômica que abrange parte do leste do estado de São Paulo e sul do Rio de Janeiro. Tem seu principal eixo urbano seguindo o traçado da Via Dutra, possui importantes reservas naturais como Serra da Mantiqueira e a Serra da Bocaina. A região é a parte inicial da bacia hidrográfica do Rio Paraíba do Sul (formando pela confluência dos rios Paraitinga com o Paraibuna).

Cassiano Ricardo. Jornalista, poeta e ensaísta (São José dos Campos, SP, 1895 - Rio de Janeiro, RJ, 1974), foi um dos líderes do movimento de reforma literária iniciada na Semana de Arte Moderna em 1922. Foi eleito em 9 de setembro de 1937 para a Cadeira nº31 da Academia

¹ SANTOS, 1986, p. 37.

Brasileira de Letras.² Escreveu 23 livros de poesia e outros 18 em prosa onde foram tratados vários assuntos: a História do Brasil, problemas brasileiros, memória, estudos sobre a obra de outros escritores e estudos sobre poesia. O poeta primava pela experimentação, acreditava que o poeta deveria estudar o som das palavras e a grafia do poema. Através de suas experiências desenvolveu um conceito de “*linossigno*” (nome de cada uma das linhas do poema), por onde mostra grande preocupação com a estética visual da poesia.

A circunscrição desta abordagem permite uma conjectura, segundo Denis Crossgrove, em que “(...) todas as paisagens possuem significados simbólicos, visto que são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem. O simbolismo é mais facilmente apreendido nas paisagens mais elaboradas – a cidade, o parque e o jardim – a através da representação da paisagem na pintura, poesia e outras artes (In CORREA,1998, p.108).

Considerando a paisagem poética, elaborada à distância de sua região natal como no caso de Cassiano em relação a São José dos Campos e o Vale do Paraíba, como uma *imagem* atrelada à memória, como uma imagem produto de relações afetivas oriundas de lembranças afloradas pela evocação optou-se interpretar os exemplos escolhidos por meio de seus significados simbólicos, como produtos de sua visão memorialista de um local.

Diversas artes como a pintura e a poesia são mecanismos para retratar, descrever a paisagem. Na célebre sentença de Horácio, filósofo e poeta romano, a expressão “*ut pictura poesis*”³ que significa “como a pintura, é a poesia”, o poeta propõe, de início a idéia de inteireza que seria de bom senso a ambas artes, mas acaba transformada pelo domínio público e aponta a afinidade entre as duas artes, como formas de expressão. Também mencionada por Plutarco, esta máxima foi somada ao conceito que atribuiu ao poeta Simónides de Céos o dito segundo o qual “pintura é a poesia calada e a poesia, pintura que fala”⁴.

A análise da paisagem neste recorte da cultura também nos leva a considerar uma série de fatores, tais como agentes na sua alteração, substituição ou destruição. Diversas épocas, diversas sociedades, culturas, além das questões sociais, políticas, entre tantas outras implicam na sua formulação.

Dando embasamento a essa descrição realizada pelo poeta, foram selecionados alguns poemas, principalmente do Vale do Paraíba. Foram organizadas em caráter cronológico e observadas em seu contexto temporal e espacial.

Elucidou-se a descrição de particularidades da Paisagem do Vale do Paraíba a partir de uma interpretação do poema “A Flauta que me roubaram”, do poeta joseense. Nesse poema, relembra sua infância vivida em sua cidade natal, uma São José quieta e tranquila. Na sua visão poética, apresenta um cenário bucólico, dos tempos de menino vividos na cidade de “pequenas

² Informações extraídas do site da Fundação Cultural Cassiano Ricardo: <http://www.fccr.org.br/cassianoricardo/>

³ Arte poética, p.361

⁴ Da gloria dos atenienses, p. 346

ruas tortas". Através da palavra, Cassiano traça a imagem, retrata o ambiente. A paisagem de São José dos Campos é descrita por sua memória. A sensação transmitida pelo poema é a de uma cidade sossegada. Aquele que o lê, tem tal percepção.

Optamos por iniciar esta abordagem pela mais conhecida de Cassiano, *A flauta que me roubaram*, uma obra que se converteu quase numa poesia oficial da cidade, mas que, apesar do aparente desgaste, apresenta um pequeno compendio de situações de interesse para a descrição da paisagem. As qualidades quase elegíacas da obras encerram questões da paisagem da memória que aqui são apresentadas quase que num caminhar da casa rural do poeta em direção à cidade.

" A Flauta que me roubaram"

Era em São José dos Campos
E quando caía a ponte (1)
eu passava o Paraíba
numa vagarosa balsa
como se dançasse valsa.(2)
O horizonte estava perto.(3)
A manhã não era falsa
como a da cidade grande.
Tudo era caminho aberto. (4)
Era em São José dos Campos
no tempo em que não havia
comunismo nem fascismo (5)
pra nos tirarem o sono.
Só havia pirilampos
imitando o céu nos campos.(6)
Tudo parecia certo.
O horizonte estava perto.

Havia erros nos votos
mas a soma estava certa.
Deus escrevia direito
por pequenas ruas tortas.(7)
A mesa era sempre lauta.
Misto de sabiá e humano
o vizinho acordava
tranqüilo, tocando flauta.(8)

Era em São José dos Campos

O horizonte estava perto.

Tudo parecia certo,
admiravelmente certo.

Por notas pontuais pensamos uma aproximação do texto à idéia da descrição da paisagem:

1- Barcos de fundo chato, por isso são vagarosas. A utilização de tais “balsas” se deve ao fato de o rio Paraíba apenas aparentar sossego, mas ser um rio agitado, e também a grande quantidade de vegetação ao fundo. Atualmente esse tipo de transporte ainda é realizado no rio.

2 – Cassiano se vale de um artifício da experiência do singrar com um barco e , desta maneira aborda as características de velocidade das águas no Rio Paraíba do Sul, um rio meandrante, sinuoso, que atravessa transversalmente o município. Neste contexto permite analisar a formação da paisagem do Vale do Paraíba a partir do desenho do rio. O rio assume papel de grande importância na leitura da paisagem do Vale, na ótica de São José dos Campos. As grandes cheias do Rio Paraíba formaram a grande várzea, o *banhado*.

3 - A relação da paisagem estabelecida no Vale. Diferentemente da paisagem litorânea, na região cercada pelos montes, o horizonte, é perto. O banhado é uma paisagem de planície que circunda a are do sítio urbano instalado em *terraças*.

4- O poeta parece se referir ao deslocamento de seu sítio situado às margens da várzea do Rio Paraíba do Sul em direção à cidade. As margens do Paraíba apresentam as características de vastidão de grande planície.

5 – A posição antifascista e anticomunista explícita no texto se verifica pela participação de Cassiano junto aos grupos "Verde Amarelo" e "Anta", movimentos nacionalistas de orientação política de direita.

6 - Neste caso o poeta faz comparação ao banhado, ao lado da cidade de São José dos Campos, do imenso mar verde, onde durante a noite os pirilampos traziam o céu para a terra. O céu nos campos. Nessa pequena cidade, onde tudo era próximo, com pouca luz elétrica, esse fato se destaca.

7- Temos aqui a imagem da memória que apresenta uma pequena cidade de traçado irregular e que, na época da juventude de Cassino, se remodelava para receber instalações de sanatórios para tuberculosos e, conseqüentemente um traçado regular promovido pelo urbanismo sanitário.

8- Nesta passagem temos Cassiano habitando o centro da cidade, no momento em que cursa o quarto ano do grupo escolar “Olympio Catão” e recorda de seu colega Teodoro Mascarenhas tocando flauta .

Cassiano nos dá o endosso para a interpretação da poesia numa entrevista, concedida no dia 27 de Julho de 1967, durante as festividades do Bicentenário da cidade de São José dos

Campos. Nesta ocasião o Poeta relata sua relação com a cidade e , em específico, o poema apresentado. “(...) o “Martin Cererê”, sob o aspecto do amor a terra, a nossa paisagem rural e humana, reflete o tempo em que vivi na pequena fazenda de meus pais, em Vargem Grande, além do Paraíba e do Buquira”. Não poderia eu ter escrito, por exemplo, “Soldados Verdes” e “Florada” sem esse contacto com as coisas da roça que, na adolescência, conheci e amei, em meu município. Ausente da terra de meu nascimento, quanta vez o seu retrato me apareceu na memória com a nitidez dos fatos aqui vividos, com a imagem de todos quantos foram meus amigos, desde a meninice. ‘Minha poesia, em várias passagens, reproduz S. José dos Campos. Uma São José ainda sossegado, de ruas quietas e hábitos tranqüilos. ”Era em S. José dos Campos. E quando caía a ponte (...)”. Este S. José de que falo em meu poema (A flauta que me roubaram) lá se foi com o tempo, com os idos de 1910.

Dois pormenores aí figuram, que desejo explicar: o da ponte sobre o Paraíba, que não raro caía, obrigando o menino, que era eu, a atravessar o rio em balsa, quando vinha do sítio de meus pais à cidade; e o do vizinho que tocava flauta. Quem era ele? Não serei indiscreto em dizer que se tratava de Teodoro Mascarenhas, que foi meu querido colega no quarto ano do grupo escolar e a quem rendo o meu preito de saudade. “ É interessante ver nesse estudo da paisagem sensível, como o poeta constrói a paisagem observando o mundo a partir da localidade, a partir do senso de centralidade. Ele comenta o mundo dele, a Vargem Grande, de onde atravessa o Rio Paraíba para ir a São José dos Campos. Narra a sua situação na paisagem. Em segundo momento observa-se o flerte do poeta com a questão gráfico-plástica da poesia, numa apologia à tradição japonesa dos haicais, e que, ao sintetizar, produz pela evocação uma ampliação das imagens.

Serenata Sintética-

Rua

Torta

Lua

Morta

Tua

Porta

Serenata sintética, escrita em 1947 (“Um dia depois do outro”) seis versos, onde descreve o andar, provavelmente de um seresteiro, por um caminho incerto, numa noite escura, até uma determinada porta. Porém, não há como se dizer que seria essa a interpretação correta, há diversas leituras quanto ao significado do poema. Cabe a cada leitor busca sua possível resposta. O conceito de flanagem, tão caro à poesia de Charles Baudelaire, dos devaneios de uma pessoa que anda pela rua sem compromisso, sem um destino certo, porém a fim de

observar, experimentar a cidade, os detalhes das ruas, as surpresas ao longo do caminho, apresenta-se no exemplo de Cassiano aqui analisado. Em que a descrição da paisagem é feita de maneira a expressar aquilo que a cidade passa àqueles que a circulam, o transitar pelo espaço urbano traduzido em uma descrição sensível dessa paisagem.

A estrutura do poema revela o contato de Cassiano com os olhares dos modernistas para as fontes e da forma poética japonesa, o haikai, uma poesia de três linhas e 17 sílabas normalmente distribuídas na forma 5, 7 e 5 sílabas respectivamente em cada linha. Os quatro mestres do Haikai japonês são Yosa Buson, Matsuo Bashô, Kobayashi Issa e Masaoka Shiki. Através da observação registram-se cenas, situações compostas através de poemas descritivos.

O exemplo a seguir, O Campanário de São José, apresenta também características de plasticidade tipográfica, mas evoca outro dado de percepção do espaço, as qualidades sonoras da paisagem.

Campanário de São José (para ser repetido, três vezes, na leitura)

Quem

não

tem

seu

bem

que

não

vem?

Ou

vem

mas

em

vão?

Quem?

A paisagem sonora, o ambiente acústico, que surge de uma observação particular do local habitado pelo homem, em diversas épocas, culturas, sociedades, vem sofrendo alterações. A paisagem sonora é diferente hoje que há alguns anos, inúmeros acontecimentos alteram a paisagem sonora, como por exemplo, a revolução industrial. Os sons são únicos, chamando a atenção de determinadas pessoas e por outras apenas passando despercebidas, situações em que não são vistos objetos, espaços, mas uma *paisagem* que compõe do som que se foi escutado. O poema estudado não trata de uma paisagem sonora mundial e sim específica de uma região, no caso, trata-se do som produzido pelo badalar do sino no campanário em São José dos Campos. Tenta traduzir o ritmo e tempo da paisagem sonora.

Cassiano, como ao descrever uma paisagem sonora, se apropria também das qualidades onomatopáicas das palavras monossilábicas para representar as badaladas de um conjunto de sinos, ou de um campanário, neste caso um pobre campanário de apenas dois sinos. Cassiano evidencia o sino agudo, tônico das badaladas com a insistência no “e” e coloca em submissão hierárquica o sino grave pelo “ão” Poderia ser qualquer conjunto de sinos de igreja, mas o poeta prefere evocar a memória do som de sua cidade natal, o pequeno campanário, o som que modelava o passar das horas na então pequena cidade e que delimitava sua localização pela perspectiva auditiva.

O conceito de *Soundscape* está presente na questão dos sentidos. Há a paisagem sonora natural, como a do mar, do vento; os sons da vida, como o cantar dos pássaros, insetos, animais; paisagem sonora rural, urbana, sons da noite, sons do dia, entre tantas, cada qual com suas individualidades. Os sons com seus significados referenciais, como os sinos em Cassiano, sinos estão presentes na paisagem sonora em muitas partes do mundo. O som produzido pelo sino é classificado (de acordo com aspectos referenciais) como sons indicadores, assim como os relógios, etc. Cassiano Ricardo traduz em seu poema sua percepção auditiva do campanário de sua cidade natal. Em sua descrição faz, novamente, menção ao Vale do Paraíba. Nesta circunscrição da leitura de Cassiano é possível remeter ao papel ancestral do sino nas cidades onde “O sino de igreja, originalmente, manteve tanto a função centrípeta quanto a centrífuga, pois foi projetado ao mesmo tempo para afastar os maus espíritos e atrair os ouvidos de Deus e a atenção dos fiéis. Nos tempos antigos, muitos comentaristas cristãos conferiram aos sinos de igreja um rico símbolo.” SCHAEFFER, 2012, p. 246

Prosseguindo a análise do papel dos sinos na percepção do espaço citadino Schaeffer salienta que: “Enquanto o sino das igrejas contemporâneas pode preservar sua importância como um sinal da comunidade, ou mesmo como um marco sonoro, sua estrita associação com o simbolismo cristão diminuiu ou cessou;” Idem.p.247). Alguns termos compõem a percepção visual, como a figura, o fundo e o campo. “A figura corresponde ao sinal, ou marca sonora. O fundo corresponde aos sons do ambiente à sua volta – que podem com frequência, serem sons fundamentais – e o campo, ao lugar onde todos os sons ocorrem, a paisagem sonora.” Ibid, p.214)

Observa-se que com o crescimento da cidade, o alcance acústico dos sinos das igrejas diminuiu. A paisagem sonora, pelas referências apontadas por Schaeffer, é também estabelecida por um conjunto de hábitos culturais e perceptivos.

Como epílogo para esta abordagem optamos por exibir uma obra que permaneceu não publicada durante a vida do poeta e que, de certa forma, corresponde a um retorno à paisagem natal, e por onde Cassiano se permite a permanecer numa estrutura poética tradicional, abandonado conscientemente a plasticidade tipográfica de *linossigno*

Minha paisagem de hoje

(A terra onde nasci e onde me viu nascer o bem-te-vi)

I

Nunca ninguém amou tanto a paisagem
do sítio onde nasceu em Vargem Grande,
como eu, até perdê-lo na distância (1)
que vai da infância para a despedida.
Alguém que só foi grande pelo amor
de criação, pela mão de seus pais
que hoje choram por mim na soledade
sem saber da riqueza com quem vim
trazendo, só pra mim, esta paisagem
que comprei tão somente para meu uso,
e não o sítio em que nasci, e de onde
saí, um dia, para o mundo vim.

Aí, saudade enquadrada no meu peito
até chegar ao fim da caminhada.

(cantando no verdor da madrugada

lá fora o bem-te-vi diz que me viu)

II

Ficou em mim a voz do berço, terna,
que vem da madrugada, vida em fora.
É esta eterna esperança que me leva,
onde? É a saudade que me abraça agora.

Vim no mundo sob o signo da montanha
que com o céu se confunde na distância (2)

tendo na testa alva estrela cimeira
que atrai um doce corpo de palmeira.
Sonho e ladainha, ela me acompanha.

Gorjeiam os leques, pássaros da infância, (3)

bebi a magia e me apossei das coisas.

Me escapa o sítio onde matei a sede (4)

Tudo é distância, quadro na parede,

Sou arco sem flecha em fechada porta.

A análise desse poema, presente no livro ***D'existência*** (numa mescla de existência e desistência), um livro de despedida, traz a estudo a visualidade da palavra, a configuração do espaço, o de se formar uma paisagem. No caso, observa-se a subjetividade da poética do autor ao retratar o espaço físico em que viveu enquanto criança. Nessa estruturação de sentidos, do sítio onde nasceu em Vargem Grande, Cassiano representa o Vale do Paraíba ao citar: "Vim no mundo sob o signo da montanha/ que com o céu se confunde na distância". Toda essa ligação com o campo, com a vida rural, da qual o poeta tão saudosamente elucida em seu processo descritivo dos elementos da paisagem, nos dá base para a leitura e análise de seus poemas.

Numa seleção de trecho podemos vislumbrar a descrição do espaço geográfico por ação da memória afetiva:

- 1- A região da Vargem Grande, em São José dos Campos, corresponde a uma região rural que, definida pelo próprio nome já designa uma generosa várzea desenhada pelo rio Paraíba do Sul. A cena de partida coaduna com vislumbres à distância o torrão natal, por entre as sinuosas curvas na antiga estrada de terra, perdido na planura desta várzea.
- 2- Quando o poeta se refere ao signo da montanha deixa claro que seu rio, o Paraíba, se situa exatamente numa calha entre as serras da Mantiqueira e do Mar, limites de distância que emolduravam a paisagem da infância.
- 3- O poeta se permite a povoar este recorte geográfico com as personagens etéreas, os pássaros Leque, ou Maria-leque (***Onychorhynchus coronatus***), não tão comuns à várzea e ao cerrado local, mas presenças evocadas como habitantes do momento idílico.
- 4- Neste detalhe o poeta revela a abundância de veios d'água na Vargem Grande, uma zona fronteira entre Cerrado e Várzea, entre o seco e o úmido. Para o poeta adquire um valor simbólico, da própria fonte de inspiração.

Considerações finais

A paisagem observada por suas características físicas aparece ressaltada ou anulada pelo plano da imaginabilidade, em que a cartografia afetiva reconstrói a ordem e a grandeza dos

fatos. Observou-se pelo levantamento de apontamentos poéticos sobre a paisagem uma série de possibilidade de conexões interdisciplinares envolvendo geografia, história, literatura.

É interessante observar que por meio dessa leitura do espaço, através da palavra, porém não menos exata que os dados técnicos, foi possível apontar uma possibilidade de percepção do espaço, pela relação entre memória, paisagem, sua observação e descrição, como mecanismo auxiliador, de grande relevância para o projeto arquitetônico e urbanístico, na medida em que permite a delimitação de parâmetros sensíveis para a produção do espaço segundo critérios de memórias e identidade cultural.

Através deste estudo, foi explorada uma vertente da literatura e da leitura do espaço manifesto pela descrição afetiva da paisagem de São José dos Campos, e, por consequência, abriu-se a possibilidade de uma leitura semelhante aplicada à diversas cidades vale paraibanas. A partir da compreensão da paisagem segundo este viés será possível elencar dados para embasamento de projetos, intervenções e ações de preservação, considerando a relação entre memória e bem estar como elementos de extrema relevância para o projeto arquitetônico e urbanístico.

Referências Bibliográficas

- BESSE, Jean Marc. *Ver a Terra*. São Paulo: Perspectiva. 2006. 108p.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998. 123 p.
- MONTEIRO, M., (2003) *Cassiano: fragmentos para uma biografia*. 1ª ed., São José dos Campos: UNIVAP, p.284
- OLIVEIRA, J. O. S. *Sant'Anna: São José dos Campos: evolução histórica e diretrizes urbanas*. 1999. 195 p.
- RICARDO, Cassiano. *Poesia Praxix e 22*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966. 137 p.
- *Dexistência*. 23ª ed. – São Paulo: Art Printer Gráficos Ltda, 2012. 105p.
- *Poesias Completas*. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. 137 p.
- SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Hucitec, 1986. 96 p.
- SCHAEFFER, Murray. *A afinação do mundo*. 2ª ed. UNESP, 2012, 377p.
- SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. Trad. Hildergard Fielst. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 240 p.
- TUAN, Yi Fu. *Topofilia*. São Paulo: Difel. 1980. 288p.

- Coletânea de poemas de Cassiano Ricardo, Livro 07 – A flauta que me roubaram. Disponível em: <<http://www.fccr.org.br/phocadownload/PortalCassianoRicardo/Poemas/7/A%20flauta%20que%20me%20roubaram.pdf>>. Acessado em: 11 maio 2012.